

Prefácio

Com muita satisfação aceitamos o convite para prefaciar a obra *Roça, Educação do Campo e Práticas Educativas*, organizada pelos professores Sérgio Luiz Lopes, Sheila Mangoli e Karla Colares, integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas do CNPq “Formação de Professores(as), Práticas Pedagógicas e Epistemologias do Professor do Campo” (FPEC), vinculado à Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Roraima (LEDUCARR). Desde 2014, o grupo vem promovendo discussões e ações voltadas à realidade educacional nas Amazôniaas, com ênfase na Educação do Campo, Águas e Florestas da Amazônia Roraimense.

A obra reúne textos de pesquisadores que, ao longo da última década, têm pautado a Educação do Campo em Roraima, investigando e atuando em seus muitos territórios, seja nas águas do baixo rio Branco, nos campos e lavrados ou nas áreas de mata. São produções que desvelam e desmitificam a realidade do campo nos territórios das Amazôniaas, demonstrando sua riqueza e importância, especialmente por meio da agricultura familiar, para a sociedade e para a segurança alimentar. Revelam, ainda, as r-existências empreendidas por seus modos de vida, as lutas pela educação de seus filhos e filhas, tendo a terra, o campo, as águas e as florestas como valores essenciais: valor de vida, de resistência, de pertencimento, identidade, de produção e reprodução de sua existência.

Tratar de Educação do Campo e Práticas Educativas é discutir modos próprios e diversos de viver e produzir a existência cotidiana, com valores relacionados à terra e ao campo, compreendendo que, em virtude da modernização da agricultura no Brasil, esses modos foram subjugados, desprezados e até estigmatizados, em uma região marcada pela complexidade e diversidade de territórios, sujeitos e nichos ecológicos. A ideia de campo, nas Amazôniaas, envolve considerar os muitos sujeitos distribuídos pelos territórios da região, com ritmos e tempos próprios de vivências e saberes relacionados aos ninhos ecológicos ali existentes, seus sistemas e ciclos reprodutivos, bem como às

inter-relações de uma vida com a outra. Trata-se dos povos indígenas, do campo, das águas e das florestas, com uma diversidade de saberes, fazeres, sentir-pensares tradicionais e ancestrais.

Conhecer e valorizar a bio e sociodiversidade amazônica, com seus modos próprios de ser e viver, bem como a luta por práticas educativas voltadas aos valores, saberes e conhecimentos do campo, das águas e das florestas, decorre da necessidade de compreender o quanto a Amazônia é singular e excepcional diante dos projetos de monocultura que causam devastação e desertificação da terra. A obra traz notável riqueza de discussões, diversidade de temáticas e de pensamentos, além de evidenciar as muitas estratégias de luta e resistência empreendidas pelos sujeitos do campo, águas e florestas na Amazônia Roraimense.

O termo *roça*, abordado na obra, também merece destaque pelo seu valor entre as comunidades e povos tradicionais da Amazônia e do Brasil. Ele possui muitos significados e comumente se refere a pequenas propriedades agrícolas, onde se pratica a agricultura familiar e se cultiva uma diversidade de produtos, como hortaliças, frutas, mandioca e farinha, e se criam pequenos animais. É um espaço onde se produz a vida e a existência com afeto e simplicidade, para além da lógica da monocultura do agronegócio. Um jeito singular de existir com sustentabilidade.

Para a população que tem origem no campo ou descende de agricultores familiares, a menção à palavra *roça-campo* remete a um lugar afetivo, guardado nas memórias de infância: um modo de vida alegre, coletivo, cooperativo, marcado pela diversidade e abundância, e por uma relação mais próxima com a natureza, onde as vidas se conectam. Na atualidade, porém, é um termo contraditório, que pode se referir a um trabalho penoso, de pouco resultado e, até mesmo, um “castigo para aqueles que não conseguiram estudar para conseguir uma vida melhor”.

Com certeza, nesta obra, os significados atribuídos à *roça* remetem à vitalidade e à potencialidade da produção da vida no campo, realizada pelos camponeses em suas múltiplas identidades – ribeirinhos, quilombolas, agricultores familiares, assentados, acampados, entre outros. De acordo com os dados do Censo Agropecuário de

2017 (IBGE, 2020), dos 5.073.324 estabelecimentos agropecuários recenseados, 3.897.408 são considerados como pertencentes à agricultura familiar, ou seja, a agricultura familiar representa 78,82% dos estabelecimentos agropecuários existentes no Brasil. Outro indicador importante vem da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – FAO (Food and Agriculture Organization) (2021), que informa que os agricultores familiares são responsáveis pela produção de mais de um terço dos alimentos consumidos no mundo.

Em tempos de mudanças climáticas, desertificação e crescente busca por segurança alimentar, discutir a importância da agricultura familiar no mundo – particularmente aquela baseada em princípios ecológicos sustentáveis – e da educação junto aos povos do campo, das águas e das florestas, em especial nas Amazônias, torna-se pauta do dia. E essa urgência não é apenas para assegurar a vida dos milhares de sujeitos que vivem nesses territórios, mas também decorre do fato de que, no Brasil, a agricultura familiar é responsável pela produção de cerca de 70% dos alimentos que chegam diariamente às nossas mesas, oferecendo ampla diversidade de produtos.

Obras como esta, organizada pelo FPEC, são imprescindíveis, pois ajudam a reconhecer e valorizar a *roça* como espaço de produção, cujas potencialidades são respaldadas por indicadores positivos – aqui apresentados – que desconstróem ideologias que procuram desvalorizar e subjugar o valor dos trabalhadores e trabalhadoras da roça, e sua importância na produção de alimentos que chegam às nossas mesas. Urge destacar que é do trabalho desses sujeitos que se assegura não apenas a oferta de alimentos mais saudáveis e a segurança alimentar e nutricional dos brasileiros, mas também o controle dos preços.

Nos territórios amazônicos, a diversidade de alimentos que abastece as feiras e mercados nas áreas urbanas é produzida pelos povos do campo, das águas e das florestas. Entre esses produtos destacam-se a farinha, o açaí, a castanha-do-pará e a castanha-de-caju; uma variedade de peixes; banana, mamão, verduras, legumes, feijão, entre outros. Tudo isso é produzido mesmo sem contar com financiamento adequado e sem que esses povos vivam em condições dignas, conforme estabelece a Constituição Brasileira.

Infelizmente, as desigualdades sociais ainda são uma marca profunda da sociedade em que vivemos, e a igualdade de condições ainda se limita ao texto das legislações. Isso impõe aos trabalhadores e trabalhadoras do campo, das águas e das florestas, assim como dos territórios urbanos, a resistência como estratégia de reprodução social e de continuidade da existência, com a afirmação de seus modos de vida coletivos e cooperados, de seus saberes de experiência, de seus sentir-pensares e de sua ancestralidade pluriversa.

A leitura desta obra, em todos os seus capítulos, nos proporciona o reconhecimento da roça como território que educa, formando agricultores e agricultoras para o trabalho coletivo, cooperado e para a produção diversificada, em pequena escala, sem prejudicar a sustentabilidade da natureza e de todos os seres que ela abriga. A roça educa em sintonia com a Educação do Campo, e com seu projeto de sociedade e educação, ocupando a escola com práticas educativas problematizadoras, libertadoras e emancipatórias dos povos do campo, das águas e das florestas da Amazônia Roraimense.

Os povos camponeses, ribeirinhos, quilombolas,
extrativistas e indígenas,
Não cuidam de sua sobrevivência, como se costuma dizer por aí,
Eles produzem a sua e a nossa existência
De forma coletiva, cooperada e pluriversa,
respeitando os ciclos de vida da natureza

Se o Campo não planta, a Cidade não janta!

Os povos originários, tradicionais e camponeses das Amazônias
Não possuem saberes empíricos,
Seus saberes são tradicionais, ancestrais,
São construídos com epistemologias outras
Que não acadêmicas e científicas,
Mas são válidas e legítimas,
Porque contribuem com sua interpretação e
intervenção coletiva no mundo,
Em defesa da Vida. Humana e não Humana.

*Vamos Amazonizar o mundo.
Com a Amazônia viva!*

*Vamos Amazonizar a Educação.
Aprendendo com os Povos do Campo,
das Águas e das Florestas das Amazônias*

HAGE, S. M., 2024

Leitura recomendada a todos e todas, que possamos nos encantar com as reflexões apresentadas em cada um dos capítulos que integram esta obra.

Profa. Dra. Leila Maria Camargo – UERR
Prof. Dr. Salomão Mufarrej Hage – UFPA